

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

## **O FEMINISMO NO BRASIL ATUAL E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS <sup>1</sup>** **FEMINISM IN CURRENT BRAZIL AND DIGITAL SOCIAL NETWORKS**

**Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro<sup>2</sup>, Maria Simone Vione Schwengber<sup>3</sup>,  
Cauana Peyrot Conceição<sup>4</sup>, Caterine De Moura Brachtvogel<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa em andamento no curso de Doutorado em Educação nas Ciências

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, UNIJUI

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências, UNIJUI.

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências, UNIJUI

<sup>5</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências.

**RESUMO:** Neste artigo discutimos a união de mulheres num movimento que, por vezes, subverte o processo de comunicar e resistir a partir das redes sociais digitais. Com isso questionamos: O que leva ativistas e cientistas a nominarem o movimento feminista atual como “novo” feminismo? Para responder a esse questionamento utilizamos metodologia qualitativa e de caráter teórico-reflexivo. A partir disso, visualizamos que se configuram através da internet e as redes sociais digitais novos espaços de fala, mais democráticos e acessíveis. São um grupo de mulheres que estão a ocupar esses espaços e a tornarem-se as atoras principais de um movimento que denomina-se como novo feminismo.

**Palavras-chave:** Feminismo; Redes sociais; Novo.

**ABSTRACT:** In this article we discuss the union of women in a movement that sometimes subverts the process of communicating and resisting from digital social networks. With this we ask: What leads activists and scientists to name the current feminist movement as "new" feminism? To answer this question we used qualitative and theoretical-reflexive methodology. From this, we visualize that new spaces for speech, more democratic and accessible, are configured through the internet and digital social networks. They are a group of women who are occupying these spaces and becoming the main actors in a movement that calls itself a new feminism.

**Keywords:** Feminism; Social networks; New.

### **PALAVRAS INICIAIS**

As tecnologias contemporâneas, como as redes sociais, têm contribuído para o desenvolvimento de novos atores e movimentos sociais, destacamos aqui como um desses movimentos, o feminista. Neste artigo discutimos a efetivação do ativismo feminista na última década do século XXI nas/pelas redes sociais. Consideramos que as redes digitais e seus embates parecem tensionar a questão do silêncio a que historicamente as mulheres estiveram submetidas.

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

A histórica ausência da mulher, marcada pelo que Perrot (2005) chama de constitutivo da história vem aos poucos se movimentando numa direção de maior participação. Mesmo com a falta de espaços de discursos ao longo do tempo proporcionada pelo silenciamento das mulheres, que as impediu de assumirem seu valor na construção da história, sua classe, seu país, na produção econômica e política, hoje visualizamos novos espaços de fala, mais democráticos e acessíveis, que se configuram através da internet e as redes sociais digitais.

Aos poucos, nos momentos que se ocupam os novos lugares de fala, as mulheres instauram-se no diálogo político, rompem domínios para que se promovam espaços para o discurso feminista. Holanda (2018) apresenta em sua obra 'Explosão Feminista' que esse momento atual do movimento, o qual nomeia de 4ª onda do feminismo, se dá pelas redes digitais. Há uma disseminação discursiva nas redes sociais digitais, pensada como uma cultura em trânsito que produz fissuras e reorganiza alguns estereótipos de gênero, nos modos de ser homem e ser mulher. Diante disso, questionamos: O que leva ativistas e cientistas a nominarem o movimento feminista atual como "novo" feminismo?

## METODOLOGIA

Este artigo parte de uma metodologia qualitativa e de caráter teórico-reflexivo, tendo em vista a interpretação e análise de elementos teóricos obtidos a partir de levantamento bibliográfico. Esta metodologia está fundamentada na concepção de Taquette e Minayo (2016, p. 418) que diz que "[...] o método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais".

A partir dessa metodologia buscou-se identificar em bancos de dados, como o de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da CAPES o que vem sendo produzido no Brasil sobre o movimento feminista e que caracteriza-o como "novo" nos últimos cinco anos. Foram utilizadas, também, outras fontes de informações, como livros. Após a identificação e catalogação da produção científica nessa temática, realizamos a leitura e reflexão, no sentido de discutir, de que forma chega-se a ideia que denomina o movimento feminista de "novo".

A busca no banco de teses e dissertações da CAPES ocorreu a partir das palavras chaves "novo" e "feminismo", separadas pelo operado booleano AND, onde foram localizados 91 resultados para a pesquisa. Desses foram selecionados 8 dos resultados obtidos, sendo 3 teses de doutorado e 5 dissertações de mestrado, considerando o título e os resumos das Obras para critério de inclusão. Já no Portal de Periódicos da CAPES, a busca se deu usando as mesmas palavras chaves, as quais deveriam estar no título da produção, considerando a aplicação do filtro por período (últimos 5 anos) e como resultado encontrou-se um artigo que fazia tal referência.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

Discutir sobre o movimento feminista no Brasil, especialmente no momento histórico em que estamos vivendo de resistência a onda conservadora, perpassa a busca por alguns acontecimentos passados que dizem sobre como a nossa sociedade se organizou e como as mulheres se organizaram numa sociedade marcada pelo patriarcalismo. Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 16) afirmam que o Brasil “[...] nos mais de trezentos anos de escravidão, o predomínio de uma elite agrária, proprietária e branca como grupo social dominante produziu profundas violências para as mulheres e especialmente para as mulheres negras e indígenas.” Observamos que a história nos diz de que forma fomos produzidos como sujeitos, da mesma forma como se constituiu os movimentos que buscaram mudar essas trajetórias, encontramos nas palavras de Pinto (2010, p. 15) que o movimento feminista é “um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria” ao longo do tempo.

O feminismo brasileiro é descrito pela história tendo sido dividido em três principais momentos, as “ondas”. No Brasil, a primeira “onda” tem como principal objetivo o sufrágio feminino e pode ser identificada no final do século XIX, em meio das condições políticas da Proclamação da República. Anos mais tarde, em 1920, as reivindicações das feministas giravam em torno do direito a educação, ao voto e pela elegibilidade.

As feministas encampavam discursos contra as ordens preestabelecidas e os discursos machistas de que as mulheres eram frágeis e tinham menor inteligência em relação aos homens. Essa visão sobre as mulheres nesse períodos, as consideravam “[...] inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” (SOIHET, 2012, p. 219). Nesse sentido, cabia aos homens a ocupação dos lugares públicos e dos cargos políticos.

Na década de 1930, mulheres de classe média alta e com formação acadêmica unem-se para reivindicar principalmente o direito ao voto e o acesso das mulheres ao campo do trabalho. A organização recebeu o nome de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e teve a sua frente mulheres como Bertha Lutz (SOIHET, 2012). Ocupar os lugares de fala em nome do feminismo nesse período não era para todas, o dizer-se feminista não incluía a todas as mulheres de todas as classes sociais. Na compreensão de Gonzaga (2018, p. 107) “[...] para enunciar a partir da posição-sujeito feminista, era preciso ter acesso a determinados saberes (acadêmicos, políticos, econômicos, históricos) que possibilitassem entrar em meios mais restritos da sociedade brasileira e ter voz diante dos homens políticos”.

Para Gonzaga (2018, p. 104) pela história tradicional “[...] vemos que o feminismo apresenta cronologia datada em torno de fatos considerados de impacto social”. A autora (2018, p. 104) acrescenta ainda que “os acontecimentos dos anos 1960 (ao lado das revoltas estudantis do Maio de 68 e dos movimentos de contracultura), e nos anos 1970 (com o movimento hippie e a liberação sexual)” estão relacionados e são responsáveis pelo feminismo contemporâneo.

No ano de 1968, enquanto a Europa vivia na efervescência cultural, o Brasil vivia um dos períodos mais nebulosos da sua história, a ditadura militar. Urge nesse momento a segunda onda do

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

feminismo no Brasil, em que seus objetivos eram a luta contra a ditadura militar e pela redemocratização do país. Nessa retomada de fôlego, a luta feminista incorpora outras demandas das mulheres, no que tange a saúde, a equidade salarial, a medidas protetivas contra a violência doméstica, ao assédio e ao aborto, demandas que em todos os tempos polemizam a sociedade tradicional.

Os primeiros anos do século XXI são marcados por avanços no campo das políticas públicas direcionadas especificamente para as mulheres. Consoante a isso, os movimentos sociais e feministas de diferentes partes do mundo se qualificam e ampliam suas lutas na busca de melhores condições de vida, saem do campo dos discursos e ocupam as ruas. Movimentos como a Marcha das Margaridas e a Marcha das Vadias são encampados pelas feministas brasileiras com reivindicações que giram em torno do trabalho, da saúde e da segurança das mulheres. Nesse interim é criada no ano de 2015 a Lei Maria da Penha, a qual torna qualificado o homicídio quando realizado contra mulheres em razão do gênero e toma outras providências quando feito o registro de violência contra as mulheres. No mesmo ano é sancionada a PEC das domésticas, que lhes concede direitos básicos, como férias remuneradas.

Até esse momento em que o feminismo pode ser considerado um movimento elitista e de intelectuais abre espaço para a adesão de novos atores sociais, as chamadas minorias. “Nesse contexto, o sujeito que enunciava a partir do feminismo não poderia se definir somente como sendo de gênero feminino” (GONZAGA, 2018, p. 109). O movimento feminista passa a encampar um diversidade de sujeitos ao incorporar reivindicações também de grupos que politizavam suas identidades pela diferença, seja de raça, de etnia, de classe e de orientação sexual. O feminismo no Brasil é marcado a partir de então pela pluralidade a partir do momento em que associa a outros movimentos, como o movimento lésbico, o movimento de feministas negras, às estudantes e às trabalhadoras rurais. Para Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 15) o feminismo articula atualmente “[...] raça e etnia, gênero e classe”.

Na sequência disso tudo, o que visualizamos é a criação de grupos feministas em redes sociais digitais. Compreendemos que as redes digitais favorecem o encontro de vozes consoantes. A exemplo disso temos nos últimos anos as Marchas das Margaridas, das Vadias, e o Oito de Março como um movimento mundial de politização do Dia Internacional das Mulheres, que na visão de Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 32) as greves feministas de hoje estão recuperando as raízes das lutas históricas pelos direitos das classes trabalhadoras e pela justiça social.

Noutro movimento de articulação do movimento feminista, em setembro de 2018, acontece no Brasil o movimento #EleNão. Temos também, a título desse exemplo, outros movimentos que foram desenvolvidos nas redes em anos anteriores e ganharam repercussão como este organizado contra o candidato a presidente Jair Bolsonaro, com o uso de hashtags e/ou grupos em redes sociais digitais, tais como: #NenhumaAMenos #PrimeiroAssédio, #MulheresContraCunha, #AgoraÉQueSãoElas, #MeuAmigoSecreto, #NãoMereçoSerEstuprada, #EstuproNuncaMais e #NãoÉNão. Dutra (2018, p. 25) afirma que essas campanhas vão “[...] ligando mulheres de várias cidades do país através de seus comentários e histórias”.

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

As *hashtags* citadas são vistas como espaços para tensionar/pensar o feminismo nos interstícios de suas igualdades e diferenças, traduzindo-se em campanhas de conscientização no campo das relações de gênero e nas palavras de Butler (2018), é possível dizer que esses movimentos reinventam o gênero feminino ao reivindicar o direito de aparecer, de falar, de manifestar-se sobre a política. Bem como salienta Gonzaga (2018, p. 111) “se o sujeito feminista não é homogêneo, conseqüentemente, o feminismo também é diverso” e por isso esse momento, diria histórico, pôde ser traduzido por Hollanda (2018) como a quarta onda do feminismo.

Devemos considerar que, quando as mulheres ocupam espaços de resistência são julgadas pela aparência e constrangidas no seu direito à fala, seja de forma material ou por um machismo difuso que geralmente torna ambientes políticos hostis às mulheres, como o caso das militantes políticas e/ou as eleitas para cargos representativos. Para Hollanda (2018, p. 48), há diferenças entre os movimentos políticos tradicionais e os atuais. Entre elas, os atuais, “[...] nascidos por gerações espontâneas, [...] são flexíveis tanto do ponto de vista organizacional quanto político”.

Tradicionalmente, as mulheres, foram tratadas como alguém que não entende e não participa de política. A partir disso se vê que é necessário falar, bem como é necessária a construção de um sistema de escritura e diálogo que realoque o lugar de um sujeito subalternizado, aprisionado por um imaginário do não lugar-função. Nesse sentido, percebemos que o espaço público é um espaço de domínio onde a singularidade de cada gênero é reconhecível por meio da ação e onde o discurso se dá mediante a palavra e a ação, em que as mulheres se permitem ver e reconhecer nas suas especificidades e ocupem cada vez mais os lugares antes lhes negado, pois o sujeito político só se constitui na interação com os outros.

Esses movimentos atuais, oriundos basilarmente das redes sociais digitais, estão aos poucos saindo dos espaços privados, resultando na ocorrência de eventos públicos, que ocupam ruas e praças, como ocorreu em setembro de 2018, no Brasil. Para as feministas e em consonância com as autoras como Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 19) o avanço da extrema direita com características xenófobas no Brasil e representadas pela figura do presidente Jair Bolsonaro “[...] torna a luta feminista mais que necessária”.

São as redes sociais digitais que estão a reconfigurar a esfera pública mediante a participação como retomada do exercício do debate. Nos novos debates, entra o feminismo, que para Gonzaga (2018, p. 111) se articula com novas vozes, numa mistura de gerações e leva em conta que “[...] são outras as regras históricas que definem quem enuncia a partir desse lugar e, ainda, o modo como enunciam sobre o feminismo”. Nisso, as redes sociais digitais estão a permitir na maioria das vezes a aparição dos sujeitos no espaço público como sujeitos de demandas, que até então passavam despercebidas.

Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 31-32) quando se referem os movimentos desenvolvidos nas e pelas redes sociais digitais afirmam que “[...] no início uma marola, depois uma onda, então uma enorme corrente: um novo movimento feminista global que pode adquirir força suficiente para romper alianças vigentes e alterar o mapa político”. As reivindicações das feministas,

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

fizeram, ao longo de quase um século, as mesmas demandas, porém o que temos além disso hoje, são outras denúncias que se unem, como de as de estupro e de outras violências.

Para Dutra (2018, p. 24) as redes sociais digitais são “[...]uma ferramenta para diminuir distâncias, encontrando assim as diversas demandas políticas, sociais e culturais”. As mulheres apropriam-se dessa condição das redes sociais digitais e usam ao seu favor, quando compartilham suas histórias, comunicam suas angústias, denunciam crimes e se identificam com um movimento como o feminismo nas redes sociais digitais. Ao ocorrer essa união por uma identidade feminista, é que se fortalece e se estabelece o que podemos chamar de “novo” feminismo, pois o novo caminho que está sendo traçado é mais plural e democrático, desconstruindo imaginários em relação ao movimento feminista das ondas anteriores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São as redes sociais digitais que extrapolam as fronteiras do espaço e com isso, quando mulheres dos mais variados grupos sociais, de diferentes religiões, raças/etnias e gêneros se unem num movimento, se subverte o processo de comunicar e resistir. As minorias ganham espaços e tornam-se as atoras principais do novo feminismo.

Adequa-se às demandas e pautas ligadas dos diferentes grupos sociais a determinada campanha, como vimos com as *hashtags*. É a união num e por um movimento que reverbera aos cantos do planeta a busca pelo reconhecimento, pela mudança das estruturas que sustentam instituições e práticas de uma sociedade dita moderna.

O novo está unindo as mulheres por meio de suas experiências e demandas em comum. É através de espaços que permitem a interação rápida e fluida entre os sujeitos como as redes sociais digitais que temos uma melhor organização de lutas políticas, o que produz em certa medida, um novo feminismo.

## REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia. BHATTACHARYA, Tithi. FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: Um manifesto**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas Sobre Uma Teoria Performativa de Assembleia**. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

DUTRA, Zelia Aparecida Pereira. A primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. **Feminismos**, Salvador/BA, n. 2, v. 6. Mai./Ago. 2018.

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

GONZAGA, Juliane de Araujo. Novo feminismo: Acontecimento e insurreição de saberás nas mídias digitais. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Araraquara/SP, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universionidade. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PERROT, Michele. **As Mulheres e os silêncios da História.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

TAQUETTE, Stella Regina. MINAYO, Maria Cecília. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n 26, v. 2, p. 417-434, 2016.